

Índia: aceita o papel de fiador político das Maldivas

por Romeo Orlandi*



Para além de ser um destino de férias exóticas, as Maldivas são também um Estado com asperidade derivada da sua posição e da sua dimensão. A mais pequena e menos populosa nação asiática localiza-se no coração de uma área estratégica, com a presença de uma alteração climática e de uma incerta situação interna para a qual, como é hábito, a Índia é chamada a intervir.

Pouco mais de 300 mil habitantes vivem em 200 ilhas, sendo que destas, 80 são destinadas exclusivamente a resorts, das

1192 que constituem o arquipélago. Espalhadas como confetes em torno da linha do Equador, numa longa linha de mar onde passam os petroleiros para o Golfo Pérsico e a Ásia extremo oriental. A sobrevivência dos atóis é posta em risco pelo aquecimento e derretimento do gelo que poderá cobrir as ilhas que têm apenas uma altitude média de 1,4m acima do nível do mar. De predominância muçulmana, as maldivas encontraram sempre no gigante indiano mais um interlocutor do que um protetor.

Os seus escassos recursos (30% do PIB é derivado do turismo) e a peculiaridade geográfica não lhe permitem de fato uma política completamente independente no cenário internacional. Em 2008 após anos de regime autocrático, assumiu a independência do Reino Unido em 1965, as primeiras eleições livres do país foram ganhas pelo Maldivian Democratic Party. O seu líder, Mohamad Nasheed foi eleito presidente após anos de dura detenção, tornando-se o primeiro presidente democraticamente eleito do país. A sua resistência e o seu carisma deram-lhe a fama de “Mandela das Maldivas”. Os seus primeiros objetivos eram o consolidamento democrático, a difusão do welfare, a preocupação pelo destino do seu país. A sua ação foi contestada pela antiga direção que com a ajuda decisiva das unidades militares, forçou-o à demissão. O Vice-Presidente, Dr. Mohamad Waheed Hassan, apoiado por militares e policiais rebeldes tomou o poder e formou um gabinete composto por antigos aliados de Maumoon Gayoon. Um novo Presidente tomou posse, expressão da sociedade maldivana mais conservadora. Ambos os adversários pretendem encontrar um aliado na Índia, que até agora manteve uma posição equidistante. Após a alteração do regime – no passado mês de Fevereiro – não interveio, mas agora, possivelmente inspirada pela comunidade internacional, é impelida a uma solução política para o impasse do pequeno estado vizinho.

A irritação diplomática generalizou-se quando o novo governo antecipou as eleições de Junho de 2013, numa evidente tentativa de reforçar as posições há pouco reconquistadas. O Ex-Presidente Nasheed voou para Nova Deli para defender a sua causa junto do Primeiro Ministro Singh. As suas palavras foram pragmáticamente convidativas: “Eu sempre considerei o Oceano Índico como um oceano da Índia. A nossa política externa era clara: se encontras um amigo, conserva-o. Para nós o nosso amigo é a Índia”. Passadas algumas semanas, numa missão a Deli, também o atual presidente Mohammed Waheed Hassan, assegurou que não serão feitas alterações na política do seu país. “Continuaremos a honrar a Índia como o nosso aliado mais chegado e amigo”. Evidentemente considerou oportuno remover as preocupações indianas, alarmado não tanto quanto aos 250 mil chineses que todos os anos procuram o sol das Maldivas, mas quanto ao curto raio de separação das costas do país.

15 de Junho de 2012